

Alma

Voltaire

I

É um termo vago, indeterminado, que expressa um princípio desconhecido, porém de efeitos conhecidos que sentimos em nós mesmos. A palavra alma corresponde à *animu* dos latinos, à palavra que usam todas as nações para expressar o que não compreendem mais que nós. No sentido próprio e literal do latim e das línguas que dele derivam, significa “o que anima”. Por isso se diz: A alma dos homens, dos animais e das plantas, para significar seu princípio de vegetação e de vida. Ao pronunciar esta palavra, só nos dá uma ideia confusa, como quando se diz no Gênesis: “Deus soprou no rosto do homem um sopro de vida, e se converteu em alma vivente, a alma dos animais está no sangue, não mateis, pois, sua alma.”

De modo que a alma — em sentido geral — se toma pela origem e causa da vida, pela vida mesma. Por isto as nações antigas acreditaram

durante muito tempo que tudo morria ao morrer o corpo. Ainda é difícil desentranhar a verdade no caso das histórias remotas, há probabilidade que os egípcios tenham sido os primeiros que distinguiram a inteligência e a alma, e os gregos aprenderam com eles a distinção. Os latinos, seguindo o exemplo dos gregos, distinguiram *animus* e *anima*; e nós distinguimos também alma e inteligência. Porém o que constitui o princípio de nossa vida, constitui o princípio de nossos pensamentos? São duas coisas diferentes, ou formam um mesmo princípio? O que nos faz digerir, o que nos produz sensações e nos dá memória, se parece ao que é causa nos animais da digestão, das sensações e da memória?

Há aqui o eterno objeto das disputas dos homens. Digo eterno objeto, porque carecendo da noção primitiva que nos guie neste exame, teremos que permanecer sempre encerrados num labirinto de dúvidas e de conjeturas.

Não contamos nem com um só apoio onde firmar o pé para chegar ao vago conhecimento do que nos faz viver e do que nos faz pensar. Para possuí-lo seria preciso ver como a vida e o pensamento entram em um corpo. Sabe um pai como produz a seu filho? Sabe a mãe como o concebe? Pode alguém adivinhar como se agita, como se desperta e como dorme? Sabem alguns como os membros obedecem a sua vontade? Terá descoberto o meio pelo qual as ideias se formam em seu cérebro e saem dele quando o deseja? Débeis autômatos, colocados pela mão invisível que nos governa no cenário do mundo, quem de nós

poderia ver o fio que origina nossos movimentos?

Não nos atrevemos a questionar se a alma inteligente é espírito ou matéria; se foi criada antes que nós, se sai do nada quando nascemos; se depois de haver nos animado no mundo, vive, quando nós morremos, na eternidade. Essas questões que parecem sublimes, só são questões de cegos que perguntam a cegos: que é a luz?

Quando tratamos de conhecer os elementos que encerra um pedaço de metal, o submetemos ao fogo em um crisol. Possuiríamos crisol para submeter a alma? Uns dizem que é espírito; porém, que é espírito? Ninguém sabe, é uma palavra tão vazia de sentido, que nos vemos obrigados a dizer que o espírito não se vê, porque não sabemos dizer o que é. A alma é matéria, dizem outros. Porém, o que é matéria? Só conhecemos algumas de suas aparências e algumas de suas propriedades; e nenhuma destas propriedades e aparências parece ter a menor relação com o pensamento.

Há também quem opine que a alma está formada de algo distinto da matéria. Porém que provas temos disso? Se funda tal opinião em que a matéria é divisível e pode tomar diferentes aspectos, e o pensamento não. Porém, quem teria dito que os primeiros princípios da matéria sejam divisíveis e figuráveis? É muito verossímil que não o sejam; seitas inteiras de filósofos sustentam que os elementos da matéria não têm forma nem extensão. O pensamento não é madeira, nem pedra, nem areia, nem metal, logo o pensamento não pode ser matéria. Mas esses são raciocínios débeis e atrevidos. A gravidade não é metal, nem areia,

nem pedra, nem madeira; o movimento, a vegetação, a vida, não são nenhuma dessas coisas; e, sem dúvida, a vida, a vegetação, o movimento e a gravitação são qualidades da matéria. Dizer que Deus não pode conseguir que a matéria pense, é dizer o absurdo mais insolente que se tenha proferido na escola da demência. Não estamos certos de que Deus tenha feito isso; porém se que estamos certos de que poderia fazê-lo. Que importa tudo o que se tenha dito e o que se dirá sobre a alma? Que importa que a tenham chamado entelequia, quintessência, chama ou éter; que a tenham tomado por universal, incriada, transmigrante, etc., etc.? Que importam em questões inacessíveis à razão, essas novelas criadas por nossas incertas imaginações? Que importa que os pais da Igreja dos quatro primeiros séculos acreditassem que a alma era corporal? Que importa que Tertuliano, contradizendo-se, decidisse que a alma é corporal, figurada e simples ao mesmo tempo? Teremos mil testemunhos de nossa ignorância, porém nem um só oferece vislumbre da verdade.

Como nos atrevemos a afirmar o que é a alma? Sabemos com certeza que existimos, que sentimos e que pensamos. Desejamos ir mais além e caímos em abismo. Submergidos nesse abismo, todavia, se apodera de nós a louca temeridade de questionar se a alma, da qual não temos a menor ideia, se criou antes que nós ou ao mesmo tempo em que nós, e se perece ou é imortal.

A alma e todos os artigos que são metafísicos devem ser submetidos sinceramente aos dogmas da Igreja, porque sem dúvida a revelação

vale mais que toda a filosofia. Os sistemas exercitam o espírito, porém a fé o alumia e o guia.

Com frequência pronunciamos palavras sobre as quais temos ideia muito confusa, e algumas vezes ignoramos o significado. Não está neste caso a palavra alma? Quando a lingueta ou válvula de um fole está estragada e o ar que entra no ventre do fole sai por algumas das aberturas que tem a válvula, e este não está comprimido pelas duas paletas, e não sai com a violência que se necessita para atizar o fogo, as criadas dizem: — Está descomposta a alma do fole. Não sabem mais, e essa questão não turva sua tranquilidade. O jardineiro fala da alma das plantas, e as cultiva bem, sem saber o que significa esta palavra. Em muitas de nossas manufaturas, os operários dão a qualificação de alma a suas máquinas; e nunca discutem sobre o significado de tal palavra; não ocorre isso com os filósofos.

A palavra alma entre nós, em seu significado geral, serve para denotar o que anima. Nossos antepassados os celtas, deram à alma o nome de seel, do que os ingleses formaram a palavra soul, e os alemães a palavra seel, e provavelmente os antigos teutões e os antigos bretões não disputariam sobre essa palavra.

Os gregos distinguiram três classes de alma: a alma sensitiva ou a alma dos sentidos (vê-se aqui porque o Amor, filho de Afrodite, sentiu tão veemente paixão por Psiquê, e porque Psiquê o amou ternamente): o sopro que dá vida e movimento a toda máquina, e que nós traduzimos por espírito; e a terceira classe da alma que, como nós, chamaram

inteligência. Possuímos, pois, três almas, sem ter a mais ligeira noção de nenhuma delas. São Tomás de Aquino admite estas três almas, como bom peripatético, e distingue cada uma delas em três partes: uma está no peito, outra em todo o corpo e a terceira na cabeça. Em nossas escolas não se conheceu outra filosofia até o século 18. E desgraçado o homem que tomasse uma dessas almas por outra!

Há, sem dúvida, motivo para este caos de ideias. Os homens entendiam que quando os excitavam as paixões do amor, da cólera e do medo, sentiam certos movimentos nas entranhas. O fígado e o coração foram assinalados como sendo o local das paixões. Quando se medita profundamente, sentimos certa opressão nos órgãos da cabeça; logo, a alma intelectual está no cérebro. Sem respirar não é possível a vegetação e a vida; logo, a alma vegetativa está no peito, que recebe o sopro do ar.

Quando os homens viram em sonhos seus pais e amigos mortos, dedicaram-se a estudar o que lhes havia aparecido. Não era corpo, porque o havia consumido uma fogueira, o mar o tinha tragado e havia servido de pasto aos peixes. Isso, não obstante, sustinha que algo lhes havia aparecido, posto que o tinham visto; o morto havia lhes falado e o que estava sonhando lhes dirigia perguntas. Com quem haviam conversado dormindo? Se imaginaram que era um fantasma, uma figura aérea, uma sombra, os manes, uma pequena alma do ar e fogo extremadamente delicada, que vagava por não sei onde.

Andando o tempo, quando quiseram aprofundar este estudo,

convencionaram que tal alma era corporal, e esta foi a ideia que dela teve a antiguidade. Chegou depois Platão, que utilizou essa alma de tal maneira que se chegou a suspeitar que a separou quase completamente da matéria; porém esse problema não se resolveu até que a fé veio iluminar-nos.

Em vão os materialistas alegam que alguns pais da Igreja não se expressaram com exatidão. Santo Irineu diz que a alma é o sopro da vida, que só é incorporeal se comparada ao corpo dos mortais, porém que conserva a figura de homem para que se a reconheça.

Tertuliano se expressa deste modo: “A corporalidade da alma ressalta no Evangelho; porque se a alma não tivesse corpo, a imagem da alma não teria imagem corpórea”. Em vão esse mesmo filósofo refere à visão de uma mulher santa que viu um alma muito brilhante e da cor do ar.

Alegam que Santo Hilário disse, em tempos posteriores: “Não há nada que não seja corporal, nem no céu nem na terra, nem no visível ou invisível; tudo está formado de elementos, e as almas têm sempre uma substância corporal.”

Santo Ambrósio, no século 6, disse: “Não conhecemos nada que não seja material, excetuando-se a Santa Trindade.”

A Igreja decidiu, por unanimidade, que a alma é imaterial. Os citados santos incorreram em um erro que era então universal: eram homens, porém não se equivocaram a respeito à imortalidade, porque os Evangelhos evidentemente a anunciam.

Precisamos nos conformar com a decisão da Igreja, porque não possuímos noção suficiente do que se chama espírito puro e do que se chama matéria. O espírito puro é uma palavra que não nos transmite nenhuma ideia; e só conhecemos matéria por alguns de seus fenômenos. A conhecemos tão pouco, que a chamamos substância, e a palavra substância quer dizer o que está embaixo; porém este embaixo está oculto eternamente para nós; é o segredo do Criador em todas partes. Não sabemos como recebemos a vida, nem como a damos, nem como crescemos nem como digerimos, nem como dormimos, nem como pensamos, nem como sentimos.



Das dúvidas de Locke sobre a alma

O autor do artigo *Alma*, da Enciclopédia, se guiou escrupulosamente pelas opiniões de Jaquelet. Porém Jaquelet não nos ensina nada. Ataca a Locke, porque este modestamente disse: “Quiçá não seremos nunca capazes de conhecer se um ser material pensa ou não, pela razão de que nos é impossível descobrir por meio da contemplação de nossas próprias ideias, se Deus teria concedido a qualquer porção de matéria o

poder de conhecer-se e de pensar; ou se uniu a matéria desse modo preparada uma substância imaterial que pensa. Com relação a nossas noções, não nos é difícil conceber que Deus pode, se assim lhe compraz, acrescentar à ideia que temos da matéria, a faculdade de pensar; nem nos é difícil compreender que possa agregar-lhe outra substância que possua tal faculdade; porque ignoramos em que consiste o pensamento, e não sabemos tampouco a classe de substância a que o Ser Todo-Poderoso possa conceder esse poder, e que pode criar em virtude da vontade do Criador. Não encontro contradição em que Deus, ser pensante, eterno e todo poderoso, dote se quiser, de alguns graus de sentimento, de perfeição e de pensamento, a certas porções de matéria criada e insensível, e que nos una a ela quando crer conveniente”.

Como acabamos de ver, Locke fala como homem profundo, religioso e modesto. Pode se dizer que Locke criou a metafísica (assim como Newton criou a física) para conhecer a alma, suas ideias e suas afeções. Não estudou nos livros, porque estes poderiam dar instrução errônea; se contentou com se autoestudar; e depois de contemplar-se longo tempo, no tratado do entendimento humano apresentou aos homens o espelho onde se havia contemplado. Em uma palavra, reduziu a metafísica ao que deve ser: na física experimental da alma.

Conhecidos são os desgostos que lhe proporcionou o manifestar esta opinião, que em sua época pareceu atrevida. Porém era só a consequência da convicção que tinha da onipotência de Deus e da

debilidade do homem. Não assegurou que a matéria pensa, porém disse que não sabemos bastante para demonstrar que é impossível que Deus agregue o dom do pensamento ao ser desconhecido que chamamos matéria, depois de ter nos concedido o dom da gravitação e o dom do movimento, que não são igualmente incompreensíveis.

Locke não foi o único que iniciou esta opinião; indubitavelmente já o abordou antiguidade, posto que considerava a alma como uma matéria muito delicada, e por consequência, assegurava que a matéria podia sentir e pensar.

Esta foi também a opinião de Gassendi, como se pode ver nas objeções que fez a Descartes: é verdade, diz Gassendi, que sabeis que pensais, porém não sabeis que espécie de substância sois. Portanto, ainda que seja conhecida a operação do pensamento, desconheces o principal de vossa essência, ignorando qual é a natureza dessa substância, da que o ato de pensar é uma das operações. Nisso pareceis ao cego que, ao sentir o calor dos raios solares e sabendo que a causa é o sol, acreditara que teria ideia clara e distinta do que é esse astro, porque se lhe perguntarem que é o sol, poderia dizer: “É uma coisa que aquece”. O mesmo Gassendi, em seu livro titulado *Filosofia de Epicuro*, repete algumas vezes que não há evidencia matemática da pura espiritualidade da alma.

Descartes, em uma das cartas que dirigiu a princesa palatina Elisabet, disse: “Confesso que por meio da razão natural podemos fazer muitas conjeturas respeito da alma, e acalentar algumas esperanças, porém

não podemos ter nenhuma segurança”. Neste caso, Descartes ataca em suas cartas o que afirma em seus livros.

Acabamos de ver que os pais da Igreja dos primeiros séculos, acreditando na alma imortal, acreditavam-na ao mesmo tempo, material. Por isso diziam: “Deus a fez pensante e pensante a conservará.”

Malebranche provou bastante bem que nós não adquirimos nenhuma ideia por nós mesmos, e que os objetos são incapazes de nos dar. Disto deduzo que provém de Deus. Isto equivale a dizer que Deus é o autor de todas nossas ideias. Seu sistema forma um labirinto, no qual uma das veredas conduz ao sistema de Espinosa, outra ao estoicismo e a terceira ao caos.

Depois de disputar muito tempo sobre o espírito e sobre a matéria, acabamos sempre por não entender. Nenhum filósofo logrou levantar com suas próprias forças o véu que a natureza tem estendido sobre os primeiros princípios das coisas. Enquanto eles disputam, a natureza obra.



Da alma das bestas

Antes de admitir o estranho sistema que supõe que os animais são umas máquinas incapazes de sensação, os homens não acreditaram nunca que as bestas tivessem alma imaterial, e ninguém foi tão temerário a ponto de se atrever a dizer que a ostra estava dotada de alma espiritual. Estavam em acordo as opiniões e convinham que as bestas haviam recebido de Deus sentimento, memória, ideias, porém não espírito. Ninguém havia abusado do dom de raciocinar ao ponto de afirmar que a natureza concedeu às bestas todos os órgãos do sentimento para que não tivessem sentimento. Ninguém havia dito que gritam quando se as fere, que fogem quando se as persegue, sem sentir dor nem medo. Não se negava então a onipotência de Deus; reconhecendo que pode comunicar à matéria orgânica dos animais, o prazer, a dor, a lembrança, a combinação de algumas ideias: pode dotar a vários deles, como ao macaco, ao elefante, ao cão de caça, o talento para aperfeiçoar-se nas artes que se lhes ensinam. Porém Pereyra e Descartes sustentaram que o mundo se equivocava, que Deus dotara com todos os instrumentos da vida e da sensação aos animais, com o propósito deliberado de que careceriam de sensação e de vida propriamente dita; e outros que teriam pretensões de filósofos, com a ideia de contradizer a ideia de Descartes, conceberam a quimera oposta, dizendo que estavam dotados de espírito os animais, e que teriam alma os sapos e os insetos.

Entre estas duas loucuras, a primeira que nega o sentimento aos órgãos

que o produz, e a segunda que faz alojar um espírito puro no corpo de uma pulga, houve autores que se decidiram por um meio termo, que chamaram instinto. E o que é o instinto? é uma forma substancial, uma forma plástica, é um “não sei quê”. Serei da sua opinião, quando chameis à maioria das coisas “não sei quê”, quando tua filosofia seja tão debilitada que acabe em “não sei nada”.

O autor do artigo Alma, publicado na Enciclopédia, diz: “Em minha opinião, a alma das bestas é formada de uma substância imaterial e inteligente. Porém, de que classe? Deve consistir em um princípio ativo capaz de sensações. Se refletirmos sobre a natureza da alma das bestas, não nos aparece nenhum motivo para crer que sua espiritualização as salve do aniquilamento.”

É para mim incompreensível poder ter ideia de uma substância imaterial. Representar-se algum objeto, é ter na imaginação uma imagem dele, e até hoje ninguém conseguiu pintar o espírito. Concedo que o autor que acabo de citar entenda conceber pela palavra representar. Porém eu confesso que tampouco a concebo, como não concebo que se possa aniquilar um alma espiritual, como não concebo a criação nem a nada, porque ignoro completamente o princípio de todas as coisas.

Se trato de provar que a alma é um ser real, me contestam dizendo que é uma faculdade; se afirmo que é uma faculdade como a de pensar, me respondem que me equivoco, que Deus, dono absoluto da natureza, faz tudo em mim, dirige todos meus atos e pensamentos; que se eu

produzisse meus pensamentos, saberia que produzo cada minuto, e não sei; que só sou um autômato com sensações e com ideias, que dependo exclusivamente do ser Supremo, e estou tão submisso a ele como a argila nas mãos do oleiro.

Confesso, pois, minha ignorância, e que quatro mil volumes de metafísica são insuficientes para nos ensinar o que é alma.

Um filósofo ortodoxo dizia a um heterodoxo: “Como conseguiste chegar a crer que por sua natureza a alma é mortal e que só é eterna pela vontade de Deus? — Porque experimentei, contestou o outro filósofo. — Como experimentaste? Por acaso morreste? Sim, algumas vezes. Tinha ataques de epilepsia na juventude e asseguro que caía completamente morto durante algumas horas. Depois não experimentava nenhuma sensação, nem recordava o que me havia sucedido. Agora me sucede o mesmo quase todas as noites. Ignoro o momento que durmo, e durmo sem sonhar. Só por conjeturas posso calcular o tempo que dormi. Estou, pois, morto por seis horas a cada vinte e quatro; a quarta parte de minha vida”. O ortodoxo sustentou que ele pensava mesmo quando dormia, porém sem saber o que. O heterodoxo replicou: “Creio que penso sempre na outra vida. Porém asseguro que raras vezes penso nesta”.

O ortodoxo não se equivocava ao afirmar a imortalidade da alma, porque a fé e a razão demonstram esta verdade: Porém podia equivocar-se ao assegurar que o homem dormindo pensa sempre. Locke confessava francamente que não pensava sempre que dormia; e

outro filósofo disse: “O homem possui a faculdade de pensar, porém esta não é sua essência”. Deixemos a cada indivíduo a liberdade e o consumo de estudar-se a si mesmo e de perder-se no labirinto de suas ideias.

Não obstante, é curioso saber que em 1730 houve um filósofo que foi perseguido por haver confessado o mesmo que Locke, ou seja que não exercitava seu entendimento todos os minutos do dia e da noite, assim como não se servia sempre dos braços e das pernas. Não só a ignorância da corte o perseguiu, mas também a ignorância maligna de alguns que pretendiam ser literatos. O que só produz na Inglaterra algumas disputas filosóficas, produz em França covardes atrocidades. Um francês foi vítima por seguir Locke.

Sempre houve na lama de nossa literatura alguns miseráveis capazes de vender sua pluma e atacar até seus mesmos benfeitores. Esta observação parece impertinente em um artigo que trata da alma; mas não devemos perder nenhuma ocasião de observar a conduta dos que querem desonrar o glorioso título de homem de letras, prostituindo seu escasso talento e consciência a um vil interesse, a uma política quimérica e que fazem traição a seus amigos para adular os néscios. Não sucedeu nunca em Roma denunciarem Lucrecio por haver posto em verso o sistema de Epicuro; nem a Cícero por dizer muitas vezes que depois de morrer não se sente dor, nem acusaram Plínio, nem a Varrão de ter ideias particulares acerca da Divindade. A liberdade de pensar foi ilimitada em Roma. Os homens de curtos alcances e

temerosos de em França se tem esforçado em afogar essa liberdade, mãe de nossos conhecimentos e incentivo do entendimento humano, para conseguir seus fins tem falado dos perigos quiméricos que esta pode trazer. Não refletiram que os romanos, que gozavam de completa liberdade de pensar, nem por isso deixaram de ser nossos vencedores e nossos legisladores, e que as disputas de escola tem tão pouca relação com o governo, como o tonel de Diógenes teve com as vitórias de Alexandre. Esta lição equivale a uma lição respeito à alma: quiçá teremos algumas ocasiões de insistir sobre ela.

Ainda adoremos a Deus com toda a alma, devemos confessar nossa profunda ignorância a respeito da alma, a essa faculdade de sentir e de pensar que devemos a sua bondade infinita. Confessemos que nossos débeis raciocínios nada encerram e nada acrescentam; e deduzamos de isto que devemos empregar a inteligência, cuja natureza desconhecemos, em aperfeiçoar as ciências, como os relojoeiros empregam as molas nos relógios, sem saber o que é uma mola.

IV

Sobre a alma e nossas ignorâncias

Fundado nos conhecimentos adquiridos, nos temos atrevido a questionar se a alma se criou antes que nós, se chega do nada a introduzir-se em nosso corpo, a que idade vem colocar-se entre uma bexiga e os intestinos, se ali recebe o aporte de algumas ideias, e que ideias são estas; se depois de animar-nos alguns momentos, sua essência, logo que o corpo morre, vive na eternidade; se sendo espírito, o mesmo que Deus, é diferente deste ou é semelhante. Essas questões que parecem sublimes, como dizemos, são as questões que entabulam os cegos de nascimento respeito da luz.

O que nos têm ensinado os filósofos antigos e os modernos? Nos têm ensinado que uma criança é mais sábia que eles, porque este só pensa não que pode conseguir. Até agora a natureza dos primeiros princípios é um segredo do Criador. Em que consiste que os ares arrastam os sons? Como é que alguns de nossos membros obedecem constantemente a nossa vontade? Que ma é a que coloca as ideias na memória, as conserva ali como em um registro e as saca quando queremos e também quando não queremos? Nossa natureza, a do universo e a das plantas, estão escondidas em um abismo de trevas. O homem é um ser que obra, que sente e pensa: é isso o todo que sabemos; porém ignoramos o que nos faz pensar, sentir e obrar. A faculdade de obrar é tão incompreensível para nós como a faculdade de pensar. É menos difícil conceber que o corpo de barro tenha sentimentos e ideias que conceber que um ser tenha ideias e

sentimentos.

Compara a alma de Arquimedes com a alma de um imbecil: são as duas de uma mesma natureza? Se é essencial o pensar, pensarão sempre com independência do corpo, que não poderá obrar sem elas; se pensam por sua própria natureza, será da mesma espécie a alma que não pode compreender uma regra de aritmética, que a alma que mediu os céus? Se os órgãos corporais fazem pensar a Arquimedes, por que um idiota, melhor constituído e mais vigoroso que Arquimedes, dirigindo melhor e desempenhando com mais perfeição as funções corporais, não pensa? A isto se contesta que seu cérebro não é tão bom; porém isso é uma suposição, porque os que assim contestam não sabem. Não se encontrou nunca diferença alguma nos cérebros dissecados; e é ademais verossímil que o cerebelo de um tonto se encontre em melhor estado que o de Arquimedes, que o usou e o fatigou prodigiosamente.

Deduzamos, pois, disto o que antes deduzimos, que somos ignorantes ante os primeiros princípios.

V

Da necessidade da revelação

O maior benefício que devemos ao Novo Testamento consiste em nos ter revelado a imortalidade da alma. Inútil foi que o bispo Warburton tratara de obscurecer tão importante verdade, dizendo continuamente que “os antigos judeus desconheciam esse dogma necessário, e que os saduceus não o admitiam na época de Jesus”.

Interpreta a seu modo as palavras que dizem que Cristo pronunciou: “Ignorais que Deus disse: eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isac e o Deus de Jacó? Logo Deus não é o Deus dos mortos, é o Deus dos vivos”. Atribui à parábola do mau rico o sentido contrário ao que atribuem todas as igrejas. Sherlock, bispo de Londres, e outros muitos sábios o refutam; os mesmos filósofos ingleses acham escandaloso que um bispo anglicano tenha a opinião contrária da Igreja anglicana; e Warburton, ao se ver contrariado, chama ímpios a ditos filósofos, imitando a Arlequim, personagem da comedia titulada o Ladrão da Casa, que depois de roubar e arrojá-los pela janela, vendo que na rua um homem levava alguns, gritou com toda a força de seus pulmões: — Pega ladrão!

Vale mais bendizer a revelação da imortalidade da alma e as das penas e recompensas depois da morte, que a soberba filosofia de homens que semeiam a dúvida. O grande César não acreditava; disse em pleno Senado, quando para impedir que matassem a Catilina, expôs seu critério, segundo o que a morte não deixava no homem nenhum

sentimento, e tudo morria com ele. Ninguém refutou esta opinião.

O império romano estava dividido em duas grandes seitas: a de Epicuro, que sustinha que a divindade era inútil no mundo, e que a alma perecia com o corpo; e a dos estoicos, que sustentava ser a alma era uma porção da divindade, a qual depois da morte do corpo voltava a sua origem, isto é, ao grande todo de onde havia emanado. Umhas seitas acreditavam que a alma era mortal e outras que era imortal, porém todas elas estavam conformes em fugir das penas e as buscar recompensas futuras.

Restam todavia bastantes provas de que os romanos tiveram tal crença; e esta opinião, profundamente gravada nos corações dos heróis e dos cidadãos romanos, os induzia a matar-se sem o menor escrúpulo, sem esperar que o tirano os entregasse ao verdugo.

Os homens mais virtuosos de então, que estavam convencidos da existência de um Deus, não esperavam na outra vida nenhuma recompensa, nem temiam nenhum castigo. Vemos no artigo titulado Apócrifo, que Clemente, que mais tarde foi Papa e Santo pôs em dúvida que os primitivos cristãos acreditassem na segunda vida, e sobre isto consultou a São Pedro em Cesárea. Não cremos que São Clemente escreveu a história que se lhe atribui; porém essa história prova que o gênero humano necessitava guiar-se pela revelação. O que neste assunto nos surpreende é que um dogma tão saudável tenha permitido que cometam brilhantes crimes os homens que vivem tão pouco tempo e que se veem comprimidos entre duas eternidades.

As almas dos tolos e dos monstros

Nasce uma criança mal formada e absolutamente imbecil, não concebe ideias e vive sem elas. Como podemos definir esta classe de animal? Uns doutores dizem que é algo entre o homem e a besta, outros, que possui um alma sensitiva, porém não alma intelectual. Come, bebe e dorme, tem sensações, porém não pensa. Existe para ele a outra vida, ou não existe? Se tem proposto este caso, porém até hoje não se obteve completa resolução.

Alguns filósofos têm dito que a referida criatura devia ter alma, porque seu pai e sua mãe a teriam; porém guiando-nos por este raciocínio, se tivesse nascido sem nariz, devíamos supor que o teria, porque seu pai e sua mãe tiveram.

Uma mulher dá à luz a uma criança que tem o rosto achatado e escuro, um nariz afilado e pontiagudo, olhos redondos e, apesar disso, o resto do corpo é idêntico ao dos demais mortais. Os pais decidem que tenha batismo, e todo o mundo acredita que possua uma alma imortal. Porém, se essa mesma ridícula criatura tem unhas em forma de ponta e a boca em forma de bico, declaram-no monstro, dizem que não tem alma e não o batizam.

Sabido é que em Londres, em 1726, houve uma mulher que paria cada

oito dias um coelhinho. Sem nenhuma dificuldade, batizavam a dita criança. O cirurgião que assistia a referida mulher no parto, jurava que esse fenômeno era verdadeiro, e acreditavam. Porém, que motivo teriam os crédulos para negar que tivessem alma os filhos de tal mulher? Ela a teria, seus filhos deviam também tê-la. O Ser Supremo não pode conceder o dom do pensamento e o da sensação ao ser desfigurado que nasça de uma mulher em forma de coelho, ou mesmo que o que nasça em figura de homem? A alma que se predisporia a alojar-se no feto dessa mãe, seria capaz de voltar ao vazio?

Locke observa sobre os monstros, que não deve atribuir-se a imortalidade ao exterior do corpo, que a configuração nada importa neste caso. A imortalidade não está mais ligada à forma do rosto ou do tórax, que à configuração da barba ou ao feitio do traje; e pergunta: Qual é a justa medida de deformidade para que se considere se uma criança tem ou não alma? Qual o grau para ser declarado monstro?

Que temos de pensar nesta matéria de uma criança que tenha duas cabeças e que, apesar disto, tenha um corpo bem proporcionado? Uns dizem que tem duas almas, porque está provido de duas glândulas pineais, e outros contestam dizendo que não pode ter duas almas quem não tem mais que um peito e um umbigo.

Se tem questionado tanto sobre a alma humana, que se esta chegasse a examinar todas, seria vítima de insuportável fastio. Aconteceria o mesmo que ocorreu ao cardeal de Polignac em um conclave. Seu intendente, cansado de não pode inteirar nunca das contas da

intendência, fez com o cardeal uma viagem a Roma e se colocou na janela de sua cela, carregando um imenso fardo de papéis. Ficou ali lendo as contas mais de duas horas, enquanto esperava pela volta de Polignac. Por fim, vendo que não obteria nenhuma contestação, meteu a cabeça pela janela. Há duas horas que o cardeal havia saído de sua cela. Nossas almas nos abandonam antes que seus intendentess se tivessem inteirado do tanto que delas nos temos ocupado.

VII

Devo confessar que sempre que examino ao infatigável Aristóteles, ao doutor Angélico e ao divino Platão, tomo por motes estes epítetos que se lhes aplicam. Parece-me que todos os filósofos se tem ocupado da alma humana, cegos, charlatães e temerários, que fazem esforços para persuadir-nos de que tem vista de águia, e vejo que há outros amantes da filosofia, curiosos e loucos, que os acreditam em sua palavra, imaginando, por sugestão, que veem algo.

Não vacilo em colocar na categoria de mestres de erros Descartes e Malebranche. Descartes nos assegura que a alma do homem é uma substância, cuja essência é pensar que pensa sempre, e que se ocupa desde o ventre da mãe de ideias metafísicas e de ações gerais que esquece em seguida. Malebranche está convencido de que tudo vemos

em Deus. Se encontrou partidários, é porque as fábulas mais atrevidas são as que melhor recebem a débil imaginação do homem.

Muitos filósofos têm escrito a novela da alma. Porém um sábio é o único que tem escrito modestamente sua história. Compendiarei essa história segundo a concebo. Compreendo que todo o mundo não estará de acordo com as ideias de Locke: pode ser que Locke tenha razão contra Descartes e Malebranche, e que se equivoque sobre Sorbonne; porém eu falo do ponto de vista da filosofia, não do ponto das revelações da fé.

Só me corresponde pensar humanamente. Os teólogos que decidam a respeito do divino: a razão e a fé são de natureza contrária. Em uma palavra, vou citar um extrato de Locke, a quem eu censuraria se fosse teólogo, porém a quem patrocino como uma hipótese, como conjetura filosófica humanamente falando. Trata-se de saber o que é a alma.

1º a palavra alma é uma dessas palavras que pronunciamos sem entender, só entendemos as coisas quando temos ideia delas, não temos ideia da alma, logo não a compreendemos.

2º Se nos tenha ocorrido chamar alma à faculdade de sentir e pensar, assim como chamamos vida a faculdade de viver e vontade à faculdade de querer.

Alguns disseram em seguida isto: — O homem é um composto de matéria e de espírito; a matéria é extensa e divisível, o espírito não é uma coisa nem outra, logo é de natureza distinta. É uma reunião de

dois seres que não criados um para o outro e que Deus uniu apesar de sua natureza. Apenas vemos o corpo, e absolutamente não vemos a alma. Esta não tem partes; logo é eterna: tem ideias puras e espirituais, logo não as recebe da matéria: tampouco as recebe de si mesma; logo Deus se as dá, logo ela aporta ao nascer a ideia de Deus e do infinito, e todas as ideias gerais.

Humanamente falando, contesto essas palavras, dizendo que são muito sábios. Começam concedendo que existe alma, e logo explicam o que deve ser: pronunciam a palavra matéria e decidem o que a matéria é. Porém eu lhes explico: não conheceis nem o espírito nem a matéria. Quanto ao espírito, só concedeis a faculdade de pensar; e enquanto à matéria, compreendeis que esta não é mais que uma reunião de qualidades, de cores, e de solidez; a essa reunião chamais matéria, e marcais os limites desta e os da alma antes de estar seguros da existência de uma e de outra.

Ensinais gravemente que as propriedades da matéria são a extensão e a solidez; e eu os repito modestamente que a matéria tem outras mil propriedades, que nem vocês nem eu conhecemos. Assegurais que a alma é indivisível e eterna, dando por certo o que é questionável. Obrais quase o mesmo que o diretor de um colégio que, não tendo visto um relógio em sua vida, puserem em suas mão de repente um relógio de repetição inglês. Esse diretor, como bom peripatético, fica surpreso ao ver a precisão com que as setas dividem e marcam o tempo, e se assombra quando o botão comprimido pelo dedo faça tocar a hora que

a seta marca. O filósofo não duvida um momento que dita máquina tenha um alma que a dirige e que se manifesta por meio das cordas. Demonstra cientificamente sua opinião, e compara essa máquina com os anjos, que imprimem movimento às esferas celestes, sustentando em classe uma agradável tese sobre a alma dos relógios, um de seus discípulos abre o relógio e não vê mais que as rodas e molas, e mesmo assim, segue sustentando sempre o sistema da alma dos relógios, crendo-o demonstrado. Eu sou o estudante que abre o relógio, que se chama homem e que em vez de definir com atrevimento o que não compreendemos, trata de examinar por graus o que desejamos conhecer.

Tomemos uma criança desde o momento em que nasce, e sigamos passo a passo o progresso de seu entendimento. Ensinaaram-me que Deus se tomou o trabalho de criar um alma para que se alojasse no corpo de dita criança quando esta tivesse cerca de seis semanas, e que quando se introduz em seu corpo esta provisão de ideias metafísicas, conhece o espírito, as ideias abstratas e o infinito; em uma palavra, é sábia. Porém desgraçadamente sai do útero com uma completa ignorância; passa dezoito meses sem conhecer mais que o peito da nutriz, e quando chega aos vinte anos, e se pretende que essa alma recorde ideias científicas que teve quando se uniu a seu corpo, é muitas vezes tão obtusa, que nem sequer pode conceber nenhuma de aquelas ideias. O mesmo dia que a mãe pare a citada criança com sua alma, nascem na casa um cão, um gato e um canário. Ao cabo de dezoito meses, o perro é excelente caçador, ao ano o canário canta muito bem,

e o gato ao cabo de seis semanas possui todos os atrativos que deve possuir e a criança, ao cumprir quatro anos, não sabe nada. Suponho que eu seja um homem grosseiro, que tenha presenciado tão prodigiosa diferença e que não tenha visto nunca uma criança; desde logo acredito que o gato, o cão e o canário, são criaturas muito inteligentes, e que a criança é um autômato. Porém pouco a pouco vou percebendo que a criança tem ideias, memória e as mesmas paixões que esses animais, e então compreendo que é uma criatura razoável como elas. Comunicame diferentes ideias por meio das palavras que aprendi, como o cão por seus distintos gritos me faz conhecer suas diversas necessidades. Percebo que aos sete ou oito anos a criança combina em seu cérebro quase tantas ideias como o cão de caça no seu, e que por fim, passando os anos consegue adquirir grande número de conhecimentos. Então que devo pensar dele? Que é de uma natureza completamente diferente. Não posso crer porque vocês veem um imbecil ao lado de Newton, e sustentam que um e outro são da mesma natureza, com a única diferença do mais ao menos. Encontro entre uma criança e um cão muitos mais pontos de contato que encontro entre o homem de talento e o homem absolutamente imbecil. Que opinião tens, pois, dessa natureza? A que todos os povos tiveram antes que a ciência egípcia trouxesse a ideia de espiritualidade, de imortalidade da alma. Até suspeitarei, com aparências de verdade, que Arquimedes e um tolo são da mesma espécie, ainda que de gênero diferente; que a oliveira e o grano de mostarda estão formados pelos mesmos princípios, ainda que aquela seja um árvore grande e esta uma planta pequena. Crerei

que Deus concedeu porções de inteligência às porções de matéria organizadas para pensar, que a matéria está dotada de sensações proporcionadas de acordo com a finura de seus sentidos e que estes proporcionam a medida de nossas ideias. Creerei que a ostra tem menos sensações e menos sentido, porque tendo a alma dentro da concha, os cinco sentidos são inúteis para ela. Há muitos animais que só estão dotados de dois sentidos; nós temos cinco, e por certo que são muito poucos. É de crer que em outros mundos existam outros animais que estejam dotados de vinte ou de trinta sentidos e outras espécies muito mais perfeitas que tenham muitos mais.

Esta parece a maneira mais lógica de raciocinar, quero dizer, de suspeitar e adivinhar. Indubitavelmente passou muito tempo antes que os homens fossem bastante engenhosos para inventar um ser desconhecido que está em nós, que nos faz obrar, que não é completamente nós, e que vive depois que nós morremos. Desse modo se chegou por graus a conceber ideia tão atrevida. No princípio, a palavra alma significou vida, e era comum para nós e para os demais animais; logo nosso orgulho nos fez suspeitar que a alma só correspondia ao homem, e então inventamos uma forma substancial para as demais criaturas: o orgulho humano pergunta em que consiste a faculdade de aperceber-se e de sentir que se chama alma no homem e instinto no bruto. Elucidarei essa questão quando os físicos me ensinarem o que é a luz, o som, o espaço, o corpo e o tempo. Repetirei com o sábio Locke: a filosofia consiste em deter-se quando a tocha da física não nos alumia.

Observo os efeitos da natureza; porém confesso que, como vocês, tampouco conheço os primeiros princípios. Tudo se reduz a que não devo atribuir a muitas causas, e muito menos a causas desconhecidas, o que posso atribuir a uma causa conhecida: posso atribuir a meu corpo a faculdade de pensar e de sentir, logo não devo buscar a faculdade de sentir e de pensar no que se chama alma ou espírito, do que não tenho a menor ideia. Vos sublevais contra esta proposição, e acreditais que é religiosidade atrever-se a dizer que o corpo possa pensar. Porém que contestarias — responderia Locke — se os dissesse que vocês sois também culpáveis de irreligião, porque se atrevem a limitar o poder de Deus? Quem, sem ser ímpio, pode assegurar que é impossível para Deus dotar a matéria da faculdade de sentir e de pensar? Sois ao mesmo tempo débeis e atrevidos, assegurais que a matéria não pensa, unicamente porque não concebeis que a matéria possa pensar.

Grandes filósofos, que decidis sobre o poder de Deus, e ao mesmo tempo concedeis que pode Deus converter uma pedra em um anjo (Mateus, cap III, vers. 9.), não compreendeis que segundo suas mesmas teorias e no citado caso, Deus concederia à pedra a faculdade de pensar? Se a matéria da pedra desaparecera, não seria pedra, seria anjo. De qualquer parte que questioneis, os vereis obrigados a confessar duas coisas, sua ignorância e o poder imenso do Criador: sua ignorância nega que a matéria possa pensar, e a onipotência do Criador nos demonstra que lhe é possível conseguir que a matéria pense.

Sabendo que a matéria não perece, não deveis negar a Deus o poder

de conservar nessa mesma matéria a melhor das qualidades de que a dotou. A extensão subsiste sem corpo por si mesma, já que há filósofos que acreditam no vazio; os acidentes subsistem independentes da substância para os cristãos que acreditam na substanciação. Dizeis que Deus não pode fazer nada que implique contradição, porém para encontrar esta se necessita saber muito mais do que sabemos; e nesta matéria só sabemos que temos corpo e que pensamos. Alguns que aprenderam na escola a não duvidar, e que tomam por oráculos os silogismos que nelas lhes ensinaram e as superstições que aprenderam por religião, tem a Locke por ímpio perigoso. Devemos fazer-lhes compreender o erro em que incorrem e ensinar-lhes que as opiniões dos filósofos jamais prejudicaram a religião. Está provado que a luz provém do sol, e que os planetas giram ao redor desse astro: por isto não se lê com menos fé na Bíblia que a luz se formou antes do sol, e que o sol parou ante a aldeia de Gabão. Está demonstrado que o arco-íris se forma com a chuva e por isso não se deixa de respeitar o texto sagrado, que disse que Deus pôs o arco-íris nas nuvens, depois do dilúvio, como sinal de que já não haveria mais inundações.

Os mistérios da Trindade e da Eucaristia, que contradiz nas demonstrações da razão, não por isso deixam de reverenciá-los os filósofos católicos, que sabem que a razão e a fé são de diferente natureza. A ideia dos antípodas foi condenada pelos papas e os concílios; e logo outros papas reconheceram os antípodas, aonde levaram a religião cristã, cuja destruição acreditaram segura no caso de poder encontrar um homem, que, como se dizia então, tivesse a cabeça

abaixo e os pies acima, com relação a nós, e que, como disse Santo Agostinho, tivesse caído do céu.

VIII

Suponho que há em uma ilha uma dúzia de filósofos bons, e que em essa ilha não têm visto mais que vegetais. Esta ilha, e sobretudo os doze filósofos bons, são difíceis de encontrar; porém permita-me esta ficção. Admiram a vida que circula pelas fibras das plantas, que parece que se perde e se renova em seguida; e não compreendendo bem como as plantas nascem, como se alimentam e crescem, chamam a estas operações alma vegetativa. “Que entendeis por alma vegetativa? — É uma palavra, respondem, que serve para explicar a mola desconhecida que move a vida das plantas. — Porém não compreendeis, lhes replica um mecânico, que esta a desenrola os pesos, as alavancas, as rodas e as polias? — Não, replicarão ditos filósofos; em sua vegetação há algo mais que movimentos ordinários; existe em todas as plantas o poder secreto de atrair o sumo que as nutre: e esse poder, que não pode explicar nenhum mecânico, é um dom que Deus concedeu à matéria, cuja natureza nos é desconhecida”. Depois dessa questão, os filósofos descobrem os animais que há na ilha, e logo de examiná-los atentamente, compreendem que há outros seres organizados como os

homens. Esses seres é indubitável que têm memória, conhecimento, que estão dotados das mesmas paixões que nós, que nos fazem compreender suas necessidades, e como nós, perpetuam sua espécie. Os filósofos dissecam alguns animais, lhes encontram coração e cérebro, e exclamam: “O autor dessas máquinas, que não cria nada inútil, lhes tivesse concedido todos os órgãos do sentimento com o propósito de que não sentissem?” Seria absurdo acreditar nisso. Encerram algo que chamaremos também alma, na falta de outra expressão mais própria algo que experimenta sensações e que em certa medida tem ideias. Porém qual é esse princípio? É diferente da matéria? É espírito puro? É um ser intermediário entre a matéria, que apenas conhecemos, e entre o espírito puro, que nos é completamente desconhecido? É uma propriedade que Deus concedeu à matéria orgânica?”

Os filósofos, para estudar essa matéria, fazem experimentos com os insetos e os lagartos; cortam-nos, dividindo-os em muitas partes, e ficam surpresos ao ver que ao passar algum tempo nascem cabeças nas partes cortadas. Ou mesmo que o animal se reproduz, em sua própria destruição encontra o meio de multiplicar-se. Há muitas almas que estão esperando para animar partes reproduzidas. Parecem-se com árvores das quais se cortam ramos e, plantando-os, se reproduzem. Essas árvores têm muitas almas? Não parece possível. Logo, é provável que a alma das bestas seja de outra espécie que as que chamamos de alma vegetativa nas plantas, que seja uma faculdade de ordem superior que Deus concedeu a certas porções de matéria para dar-nos outra

prova de seu poder e outro motivo para adorá-lo.

Se ouvisse este raciocínio de um homem violento, lhe diria: “Sois um malvado que merece que o queime o corpo para salvar as almas, porque negais a imortalidade da alma do homem”. Os filósofos, ao ouvir isso, se olhariam com surpresa; e depois, um deles contestaria com suavidade ao homem violento: Por que acreditas que devemos arder em uma fogueira e que o induzo a supor que abriguemos nós o conhecimento de que é mortal vossa alma cruel? — Porque abrigais a crença de que Deus concedeu aos brutos, que estão organizados como nós, a faculdade de ter sentimentos e ideias; e como a alma das bestas morre com seus corpos, acreditas também que o mesmo morre a alma dos homens. Um dos filósofos replicaria:

— Não temos a segurança de que o que chamamos de alma nos animais se pareça quando esses deixam de viver; estamos persuadidos que a matéria não perece, e supomos que Deus haja dotado os animais de algo que pode conservar, se esta é a vontade divina, a faculdade de ter ideias. Não asseguramos que isto suceda, porque não é próprio de homens ser tão confiados; porém não nos atrevemos a pôr limites ao poder de Deus. Dizemos apenas que é provável que as bestas, que são matéria, tenham recebido um tanto de inteligência. Descobrimos todos os dias propriedades da matéria, que antes de descobri-las não tínhamos ideia de que existiram. Começamos definindo a matéria, dizendo que era uma substância que teria extensão; logo reconhecemos que também teria solidez, e mais tarde tivemos que

admitir que a matéria possui uma força que chamamos força de inércia, e ultimamente nos surpreendeu a nós mesmos ter que confessar que a matéria gravita. Ao avançar em nossos estudos, nos vimos obrigados a reconhecer seres que se parecem em algo à matéria, e que, contudo, carecem dos atributos de que a matéria está dotada. O fogo elementar, por exemplo, obra sobre nossos sentidos como os demais corpos; porém não tem a um centro comum como estes; pelo contrario, se escapa do centro em linhas retas por todas partes; e não parece que obedeça às leis de atração e de gravitação como os outros corpos. A óptica tem mistérios que só podemos explicar atrevendo-nos a supor que os raios da luz se compenetraram. Efetivamente, há algo na luz que a distingue da matéria comum: parece que a luz seja um ser intermediário entre os corpos e outras espécies de seres que desconhecemos; é verossímil que essas outras espécies de seres sejam o ponto intermediário que conduza até outras criaturas, e que assim sucessivamente exista uma cadeia de substâncias que se elevem até o infinito.

Essa ideia nos parece digna da grandeza de Deus, se há alguma ideia humana digna dela. Entre essas substâncias pôde Deus escolher uma para alojá-la em nossos corpos, e é a que nós chamamos alma humana. Os livros santos nos ensinam que essa alma é imortal, e a razão está nisso de acordo com a revelação: nenhuma substância perece; as formas se destroem, o ser permanece; não podemos conceber a criação de uma substância; tampouco podemos conceber seu aniquilamento. Porém nos atrevemos a afirmar que o Senhor absoluto de todos os

seres pode dotar de sentimentos e de percepções ao ser que se chama matéria. Estais seguro de que pensar é a essência de sua alma, porém nós não estamos; porque quando examinamos um feto nos custa grande trabalho crer que sua alma teve muitas ideias em sua envoltura materna, e duvidamos que em seu sonho profundo, em sua completa letargia, tenha podido dedicar-se à meditação. Por isso nos parece que o pensamento possa consistir não na essência do ser pensante, senão no presente que o Criador fez a esses seres que chamamos pensadores; e tudo isto nos faz suspeitar que se Deus quisesse, poderia outorgar esse dom a um átomo, conservá-lo o destruí-lo, segundo fosse sua vontade. A dificuldade consiste menos em adivinhar como a matéria pode pensar, que em adivinhar como pensa uma substância qualquer. Só concebemos ideias, porque Deus as quis dar. Por que o empenho em se opor a que as tenha concedido às demais espécies? Atrevem-se a crer que sua alma seja da mesma classe que as substâncias que estão mais próximas da divindade? Há motivo para suspeitar que estas sejam de ordem superior e, portanto, Deus lhes haja concedido uma maneira de pensar infinitamente mais formosa; assim como concedeu quantidade muito limitada de ideias aos animais, que são de uma ordem inferior aos homens. Não sei como vivo nem como dou a vida, e querem que saiba como concebo ideias! A alma é um relógio que Deus nos concedeu para dirigirmos, porém não nos explicou a maquinaria de que o relógio se compõe.

De tudo quanto digo não é possível inferir que a alma humana seja mortal. Em resumo: pensamos o mesmo que vós sobre a imortalidade

que a fé nos anuncia; porém somos demasiado ignorantes para poder afirmar que Deus não tenha poder para conceder a faculdade de pensar ao ser que Ele queira. Limitais o poder do Criador, que é sem limites, e nós o estendemos até onde alcança sua existência. Perdoe-nos que o cremos onipotente, e nós os perdoaremos que restrinjais seu poder. Sem dúvida sabeis tudo o que pode fazer e nós ignoramos. Vivamos como irmãos, adorando tranquilamente ao Pai comum. Só temos de viver um dia, vivamos em paz, sem proporcionarmos questões que se decidirão na vida imortal.

O homem brutal, não encontrando nada que replicar aos filósofos, incomodando-se, falou e disse muitas bobagens. Os filósofos se dedicaram durante algumas semanas a ler história, e depois deste estudo, eis aqui o que disseram àquele bárbaro indigno de estar dotado de alma imortal:

“Temos lido que na antiguidade havia tanta tolerância como em nossa época, que nela se encontram grandes virtudes, e que por suas opiniões não perseguiram aos filósofos. Por que, pois, pretendeis que nos condenem ao fogo pelas opiniões que professamos? Acreditavam na antiguidade que a matéria era eterna; porém os que supunham que era criada, não perseguiram aos que não acreditavam. Disse-se então que Pitágoras, em uma vida anterior, havia sido galo, que seus pais haviam sido cervos, e apesar disto, sua seita foi querida e respeitada em todo o mundo. Os estoicos reconheciam um Deus mais o menos semelhante ao que admitiu depois temerariamente Espinosa; o

estoicismo, sem dúvida, foi a seita mais acreditada e a mais fecunda em virtudes heróicas. Para os epicuristas, os Deuses eram semelhantes a nossos cônegos e sua indolente gordura sustentava sua divindade, e tomavam em paz o néctar e a ambrosia sem imiscuir-se em nada. Os epicuristas ensinavam a materialidade e a mortalidade da alma, porém não por isso deixaram de ter-lhes considerações, e eram admitidos a desempenhar todos os empregos.

Os platônicos não acreditavam que Deus se tivesse dignado criar o homem por si mesmo; diziam que havia confiado este encargo aos gênios, que ao desempenhar sua tarefa cometeram muitas bobagens. O Deus dos platônicos era um obreiro sem defeitos, porém que empregou para criar o homem discípulos muito incompetentes. Não por isso a antiguidade deixou de apreciar a escola de Platão. Numa palavra: quantas seitas conheceram os gregos e os romanos, teriam distintos modos de opinar sobre Deus, sobre a alma, sobre o passado e sobre o porvir; e nenhuma dessas seitas foi perseguida. Todas essas seitas se equivocavam, porém viveram em amistosa paz, e isto é o que não alcançamos a compreender, porque hoje vemos que a maior parte dos debatedores são monstros e os da antiguidade eram verdadeiros homens.

Se desde os gregos e os romanos queremos remontar às nações mais antigas, podemos fixar a atenção nos judeus. Esse povo que foi supersticioso, cruel, ignorante e miserável, sabia, sem dúvida, honrar aos fariseus, que acreditavam na fatalidade do destino e na

metempsicose. Respeitava também aos saduceus, que negavam em absoluto a imortalidade da alma e a existência dos espíritos, fundando-se na lei de Moisés, que não falou nunca de penas nem de recompensas depois da morte. Os essênios, que acreditavam também na fatalidade, e nunca sacrificavam vítimas no templo, eram mais respeitados todavia que os fariseus e saduceus. Nenhuma dessas opiniões perturbou nunca o governo do Estado. Devemos, pois, imitar esses louváveis exemplos; devemos pensar em alta voz, e deixar que pensem o que quiserem os demais. Sereis capaz de receber cortesmente a um turco que acredite que Maomé viajou para a lua, e desejais esquarterjar a um irmão seu porque acredita que Deus pode dotar de inteligência a todas as criaturas?”

Assim falou um dos filósofos; e outro completou: — “Acredite, não há exemplo de nenhuma opinião filosófica que prejudique a religião de nenhum povo. Os mistérios podem contradizer as demonstrações científicas; nem por isso deixam de respeitá-los os filósofos cristãos, que sabem que os assuntos da razão e da fé são de diferente natureza. Sabeis por que os filósofos não lograrão nunca formar uma seita religiosa? Pois não a formarão porque carecem de entusiasmo. Se dividimos o gênero humano em vinte partes, compõem as dezenove os homens que se dedicam a trabalhos manuais, e quiçá estes ignorarão sempre que existiu Locke. Na outra parte, se encontram poucos homens que param a ler, e entre os que leem há vinte que só leem novelas para cada um que estuda filosofia. É muito exíguo o número dos que pensam; e estes não se ocupam em perturbar o mundo. Não

jogariam a maçã da discórdia em sua pátria Montaigne, Descartes, Gassendi, Bayle, Espinosa, Hobbes, Pascal, Montesquieu, nem nenhum dos homens que têm honrado a filosofia e a literatura. A maior parte dos que perturbaram seu país foram teólogos, que ambicionaram ser chefes de seita ou ser de partido. Todos os livros de filosofia moderna juntos não produziram no mundo tanto ruído como produziu em outro tempo a disputa que tiveram os franciscanos sobre a forma que devia dar-se a suas mangas e a seus capuchões”.

IX

Da antiguidade do dogma da imortalidade da alma

O dogma da imortalidade da alma é a ideia mais consoladora e ao mesmo tempo mais repressora que o espírito humano pode conceber. Esta agradável filosofia foi tão antiga no Egito como suas pirâmides; e antes dos egípcios, a conheceram os persas. Zoroastro, que cita o Sadder, quando Deus ensina a Zoroastro o local destinado para receber o castigo, local que se chamava Dardarot no Egito, Hades e Tártaro em Grécia, e nós temos traduzido imperfeitamente em nossas línguas

modernas pela palavra inferno. Deus ensina a Zoroastro no local destinado aos castigos, a todos os maus reis, a um dos quais faltava um pé, e Zoroastro perguntou por que razão. Deus respondeu que esse rei só havia feito uma boa ação em toda sua vida, e esta ação consistia em haver aproximado com o pé uma gamela que não estava bastante próxima a um pobre burrico que morria de fome. Deus levou ao céu o pé do rei malvado, e deixou no inferno o resto de seu corpo.

Dita fábula, que nunca se repetirá bastante, demonstra como era na remota antiguidade a opinião sobre a segunda vida. Os índios também teriam esta opinião, e sua metempsicose o prova. Os chineses reverenciavam as almas de seus antepassados; e esses povos fundaram poderosos impérios muito tempo antes que os egípcios.

Ainda que seja antigo o império de Egito, não é tanto como os impérios do Ásia; e naquele e nestes, a alma subsistia depois da morte do corpo. Verdade é que todos esses povos, sem exceção, supunham que a alma teria forma etérea, sutil, e era imagem do corpo. A palavra sopro a inventaram muito depois os gregos. Porém não se pode negar que acreditaram que era imortal uma parte de nós mesmos. Os castigos e as recompensas na outra vida, formaram os cimentos da antiga teologia.

Ferecides foi o primeiro grego que acreditou que as almas viviam uma eternidade, porém não foi o primeiro que disse que as almas sobreviviam aos corpos. Ulisses, que viveu muito tempo antes que Ferecides, havia visto as almas dos heróis nos Infernos; porém que as

almas fossem tão antigas como o mundo, foi uma opinião que nasceu no Oriente e que Ferecides difundiu no Ocidente. Não creio que exista um só sistema moderno que não se encontre nos povos antigos. Os edifícios atuais temos construído com os escombros da antiguidade.

X

Seria um magnífico espetáculo poder ver a alma. A máxima Conhece-te a ti mesmo é um excelente preceito, mas preceito que só Deus pode praticar; pois, que mortal pode compreender sua própria essência?

Chamamos alma ao que anima; porém não podemos saber mais dela, porque nossa inteligência tem limites. As três quartas partes do gênero humano não se ocupam disto; e a quarta busca, inquire, porém não encontrou nem encontrará.

O homem vê uma planta que vegeta, e disse que tem alma vegetativa; observa que os corpos têm e dão movimento, e a isto chama força; vê que seu cão de caça aprende o ofício, e supõe que tem alma sensitiva, instinto; tem ideias combinadas, e a esta combinação chama espírito. Porém que entendes tu por essas palavras? Indubitavelmente a flor vegeta; porém existe realmente um ser que se chame vegetação? Um corpo rechaça a outro, porém possui dentro de si um ser distinto que se chama força? O cão te traz uma perdiz, porém vive nele um ser que se

chama instinto? Todos os animais vivem; logo encerram dentro de si um ser, uma forma substancial que é a vida? Se um tulipa puder falar e te disser: a vegetação e eu somos seres que formamos um conjunto, não te enganaria a tulipa?

Vamos ver o que sabes e do que estás seguro: sabes que andas com os pés, que digeres com o estômago, que sentes em todo o corpo, e que pensas com a cabeça. Vejamos se o único auxílio da razão pode proporcionar bastantes dados para deduzir, sem um apoio sobrenatural, que tens alma.

Os primeiros filósofos, tanto caldeus como egípcios, disseram: é indispensável que haja dentro de nós algo que produza pensamentos; esse algo deve ser muito sutil, deve ser um sopro, deve ser um éter, uma quintessência, uma entelequia, um nome, uma harmonia. Segundo o divino Platão, é um composto do mesmo e do outro. “Constituem-no os átomos que pensam em nós”, disse Epicuro depois de Demócrito. Porém como um átomo pode pensar? Confessa que não sabes.

A opinião mais aceitável é sem dúvida a de que a alma é um ser imaterial, porém indubitavelmente concebem os sábios o que é um ser imaterial? — Não, contestam estes, porém sabemos que por natureza pensa. — E por onde o sabeis? — Sabemos, porque pensa. — Parece que sois tão ignorantes como Epicuro. É natural que uma pedra caia, porque cai; porém eu pergunto, quem a faz cair? — Sabemos que a pedra não tem alma; sabemos que uma negação e uma afirmação não são divisíveis, porque não são partes da matéria. — Sou de sua opinião;

porém a matéria possui qualidades que não são materiais, nem divisíveis, como a gravitação: a gravitação não tem partes, não é, pois, divisível. A força motriz dos corpos tampouco é um ser composto de partes. A vegetação dos corpos orgânicos, sua vida, seu instinto, não constituem seres a parte, seres divisíveis; não podeis dividir em dois a vegetação de uma roupa, a vida de um cavalo, o instinto de um cão, ou mesmo que não podes dividir em duas uma sensação, uma negação ou uma afirmação. O argumento que sacais da indivisibilidade do pensamento não prova nada.

Que ideia tens da alma? Sem revelação, só podes saber que existe em seu interior um poder desconhecido que o faz sentir e pensar. Porém esse poder de sentir e de pensar, é o mesmo poder que o faz digerir e andar? Tens que confessar que não, porque ainda que o entendimento diga ao estômago: digere, o estômago não digerirá se está enfermo e se o ser imaterial manda aos pés que andem, estes não andarão se têm gota. Os gregos compreenderam que o pensamento não tem relação muitas vezes com o jogo dos órgãos, e dotaram os órgãos da alma animal, e os pensamentos de uma alma mais fina. Porém a alma do pensamento, em muitas ocasiões, depende da alma animal. A alma pensante ordena às mãos que tomem, e tomam, porém não disse ao coração que bata, nem ao sangue que corra, nem ao quilo que se forme, e todos esses atos se realizam sem sua intervenção. Vê-se aqui almas que são muito pouco donas de sua casa.

Disto deve deduzir-se que a alma animal não existe, o que consiste no

movimento dos órgãos; e ao mesmo tempo há que concordar que ao homem não lhe abastece sua débil razão nenhuma prova de que a outra alma exista.

Vejamos agora os vãos sistemas filosóficos que se tem estabelecido respeito da alma. Um deles sustenta que a alma do homem é parte da substância do mesmo Deus. Outro que é parte do Grande Todo. Há sistema que assegura que a alma está criada para toda a eternidade. Há outro que assegura que a alma foi feita e não criada. Vãos filósofos asseguram que Deus forma as almas à medida que as necessita, e que chegam no instante da copulação: outros afirmam que se alojam no corpo com os ânios seminais. Filósofo houve que disse que se equivocavam todos os que o haviam precedido, assegurando que a alma espera seis semanas para que esteja formado o feto, e então toma posse da glândula pineal; porém que se encontra algum germen falso, sai do corpo e espera melhor ocasião. A última opinião consiste em dar da alma por morada o corpo caloso; este é o local que determina Peyronie.

São Tomás em sua questão 75 e seguintes, diz: “que a alma é uma forma que subsiste *per se*, que está toda em tudo, que sua essência difere de seu poder, que existem três almas vegetativas: a nutritiva, a aumentativa e a generativa; que a memória das coisas espirituais é espiritual, e a memória das corporais corporal; que a alma razoável é uma forma imaterial quanto às operações, e material quanto ao ser” Entendeste algo? Pois São Tomás escreveu duas mil páginas tão claras

como esta. Por isto, sem dúvida, o chamam o anjo da escola. Não se tem inventado menos sistemas para o corpo, para explicar como ouvirá sem ter ouvidos, como olhará sem ter nariz e como tocará sem ter mãos; em que corpo se alojará em seguida, de que modo o eu, a identidade da mesma pessoa há de subsistir, como a alma do homem que se tornou imbecil à idade de quinze anos, e morreu imbecil aos setenta, voltará a unir o fio das ideias que teve na idade da puberdade e por que meio uma alma, a cujo corpo se cortou uma perna em Europa e perdeu um braço em América, poderá encontrar a perna e o braço, que quiçá se tenham transformado em legumes, ou tenham passado a formar parte integrante do sangue de qualquer outro animal. Não terminaria nunca de detalhar todas as extravagâncias que sobre a alma humana se têm publicado.

É singular que as leis do povo predileto de Deus não digam uma só palavra acerca da espiritualidade e da imortalidade da alma, nem fale tampouco disto o Decálogo, nem o Levítico, nem o Deuteronômio. Também é indubitável que em nenhuma parte Moisés proponha aos judeus recompensas e penas em outra vida. Não lhes fala nunca da imortalidade de suas almas, nem lhes disse que esperem ir ao céu, nem lhes ameaça com o inferno. Na lei de Moisés tudo é temporal. No Deuteronômio fala aos judeus deste modo:

“Se depois de haver tido filhos e netos prevaricais, sereis exterminados em sua pátria e ficareis reduzidos a escasso número, que viverá espalhados pelas demais nações.

Eu sou um Deus zeloso que castigo a iniquidade dos pais até a terceira e até a quarta geração.

Honra a pai e mãe, com o fim de viver muitos anos.

Sempre terás o que comer, a comida não os faltará nunca.

Se obedeceres a deuses estrangeiros, serás destruído.

Se obedeceres ao verdadeiro Deus, terás chuvas na primavera e no outono trigo, azeite, vinho, feno para os animais, e poderás comer e saciar-te.

Imprimi estas palavras em seus corações, põe ante seus olhos, escreve-as sobre suas portas com a ideia de que seus dias se multipliquem.

Faz o que mando, sem tirar nem acrescentar nada.

Se aparece um profeta que profetize sucessos prodigiosos, se sua predicação é verdadeira, se o que prevê sucede, se diz: vamos, segui comigo aos Deuses estrangeiros... mata-o em seguida, que se levante todo o povo contra ele para feri-lo.

Quando o Senhor os entregue as nações, degola sem perdoar a um só homem, não tenhais piedade de ninguém.

Não comais animais impuros, como o são o águia, o grifo e o ixião.

No comais tampouco animais ruminantes e que tenham as unhas fendidas, como o camelo, a lebre, o porco espinho.

Se observais estes mandatos, sereis abençoados na cidade e nos campos, e serão benditos os frutos de seu ventre, de sua terra e de suas bestas.

Se não obedecéis todos estes mandamentos nem observais todas as cerimônias, sereis malditos na cidade e nos campos; sofrerás a pobreza e fome, morrerás de frio, de febre e de miséria; tereis sarna, fístulas, ... os assaltarão úlceras nos joelhos e nos músculos.

O estrangeiro os prestará com usura, porém vocês não lhe prestareis desse modo, porque vocês quereis servir ao Senhor.., etc., etc.

É evidente que em todas estas promessas e ameaças não se trata mais que do temporal, e não se encontra uma só palavra que verse sobre a imortalidade da alma nem sobre a vida futura. Alguns comentaristas ilustres acreditam que Moisés estava inteirado desses dois grandes dogmas, e provam sua opinião apoiando-se não que disse Jacó, o qual acreditando que haviam devorado a seu filho bestas ferozes, exclamou: “Descerei com meu filho ao inferno”; isto é, morrerei, já que meu filho está morto. Provam também sua crença citando passagens de Isaías e de Ezequiel. Porém os hebreus a quem falou Moisés, não poderiam ter lido a Isaías nem a Ezequiel, que escreveram muitos séculos depois. É inútil questionar sobre o que secretamente opinava Moisés, já que está comprovado que em suas leis não falou nunca da vida futura, e que limita os castigos e as recompensas ao tempo presente. Se conheceu a vida futura, por que não proclamou este dogma? A tal pergunta contestam vários comentaristas, dizendo que o Senhor de Moisés e de

todos os homens, reservou-se o direito de explicar em tempo oportuno aos judeus uma doutrina que não estavam em estado de compreender quando viviam no deserto. Se Moisés tivesse anunciado a imortalidade da alma, ter-lhe-ia combatido uma importante escola dos judeus, a dos saduceus, autorizada pelo Estado, que lhes permitia desempenhar os primeiros cargos da nação e nomear grandes pontífices a seus sectários.

Até depois da fundação de Alexandria não se dividiram os judeus em três seitas: a dos fariseus, dos saduceus e dos essênios. O historiador Flávio Josefo, que era fariseu, nos refere no livro XIII de suas Antiguidades, que os fariseus acreditavam na metempsicose; os saduceus acreditavam que a alma perecia com o corpo, e os essênios, que a alma era imortal. Segundo esses, as almas, em forma aérea, descendiam da mais alta região dos ares, para introduzir-se nos corpos, pela violenta atração que exerciam sobre elas; e quando morriam os corpos, as almas que haviam pertencido aos bons, iam a morar mais além, lá do Oceano, em um país onde não se sentia calor nem frio, nem havia vento nem chovia. As almas dos maus iam a morar em um clima perverso. Esta era a teologia dos judeus. O que devia ensinar a todos os homens, condenou a estas três seitas. Sem seu auxílio não tivéssemos chegado nunca a compreender nossa alma, porque os filósofos não tiveram jamais uma ideia determinada dela, e Moisés, único legislador do mundo antigo, que falou com Deus frente a frente, deixou a humanidade imersa na mais profunda ignorância respeito deste ponto. Só depois de mil e setecentos anos teremos a certeza da existência e

da imortalidade da alma. Cícero abrigava suas dúvidas. Seu neto e sua neta souberam a verdade pelos primeiros galileus que foram a Roma. Porém antes dessa época, e depois dela, em todo o resto do mundo, donde apóstolos não penetraram, cada qual devia perguntar a sua alma, que és? de donde vens? que fazes? onde vais? És um não sei que, que pensas e sentes, porém ainda que sintas e penses mais de cem milhões de anos, não conseguirás saber mais sem o auxílio de Deus, que te concedeu o entendimento para que te sirva de guia, porém não para penetrar na essência. Assim pensou Locke, e antes que Locke, Gassendi, e antes que Gassendi, muitos sábios; porém hoje os bacharéis sabem o que esses grandes homens ignoravam.

Inimigos encarniçados da razão, se tem atrevido a opor a essas verdades reconhecidas pelos sábios, levando sua má-fé e sua imprudência até o extremo de imputar ao autor desta obra a opinião de que cada alma é matéria. Perseguidores da inocência, bem sabeis que temos dito o contrario; e que dirigindo-nos a Epicuro, a Demócrito e a Lucrecio, perguntamos: “Como podeis crer que um átomo pense? confesso-te que não sabeis nada”. Logo são uns caluniadores os que me perseguem.

Ninguém sabe o que é o ser que chamamos espírito, ao que vocês mesmos dão um nome material, fazendo-lhe sinônimo de ar. Os primeiros pais da Igreja acreditavam que a alma era corporal. É impossível que nós, que somos seres limitados, saibamos se nossa inteligência é substância ou faculdade; não podemos conhecer a fundo

nem o ser extenso nem o ser pensante, ou seja, o mecanismo do pensamento. Apoiados na opinião de Gassendi e de Locke, afirmamos que por nós mesmos não podemos conhecer os segredos do Criador. Sois Deuses que sabeis tudo? Repetimos que só podemos conhecer pela revelação da natureza e o destino da alma; e esta revelação não os basta. Devem ser inimigos da revelação, porque perseguem aos que a creem e aos que dela o esperam tudo.

Referimo-nos à palavra de Deus; e vocês, que fingindo religiosidade, são inimigos de Deus e da razão, que blasfemam uns de outros, tratam a humilde submissão do filósofo, como o lobo trata ao cordeiro nas fábulas de Esopo, e lhe dizem: “Murmuras-te de mim o ano passado; devo beber teu sangue”. Porém a filosofia não se vinga, se ri desses vãos esforços e ensina tranquilamente aos homens que quereis embrutecer, para que sejam iguais a vós.

Voltaire (François Marie Arouet) (1694-1778). Nascido em Paris, em 21 de novembro de 1694, falecido em 30 de maio de 1778, foi o pensador mais influente do período do iluminismo francês. Em sua época, foi considerado um dos maiores poetas e dramaturgos de seu tempo. Hoje, a figura de Voltaire é mais relacionada aos seus ensaios e seus contos. O nome Voltaire, na verdade, foi por ele adotado após a passagem pela prisão na Bastilha durante um ano, por sua vez ocorrida devido a alguns versos satíricos dos quais foi acusado de ser autor. A tragédia Édipo (Oedipe) abriu passagem para sua incursão no meio intelectual, tendo sido escrita no período de sua detenção na Bastilha. Uma outra obra

que merece ser citada é o conto *Cândido*, escrito em 1759. Já em seus escritos filosóficos, as obras que devem ser citadas são o *Tratado de Metafísica* (*Traite de Metaphysique*), de 1734, e o *Dicionário Filosófico* (*Dictionnaire Philosophique*), de 1764. Seu pensamento foi calcado nas bases do racionalismo, instrumento com o qual procurava pregar a reforma social sem a destruição do regime já estabelecido. Muito de sua luta dirigia-se contra a Igreja e, na atualidade, alguns chegam a considerar Voltaire como um predecessor do antissemitismo moderno, dadas seus pensamentos acerca dos judeus, tidos por ele como fanáticos supersticiosos. No entanto, ele se opôs à perseguição a estes povos. Colaborou ainda com um dos enciclopedistas mais radicais, Diderot.

autor: Voltaire